

The background of the cover is a photograph of an archaeological excavation site. It shows a grid of thin white lines on a dark, sandy ground. Numerous stones of various sizes and shapes are scattered across the site, some appearing to be part of a larger structure or arrangement. The lighting is dramatic, with strong shadows cast by the stones and the grid lines.

AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses
Volume 70

PALEOLÍTICO EM PORTUGAL
— NOVOS DADOS, NOVAS PERSPECTIVAS

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

70

Ano de Edição

2020

Ano Associativo AAP

2018

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e Andrea Martins

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia da capa

Estrutura pétreia de Rôdo (Gomes *et al.* – artigo 6)

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

5 Editorial

José Morais Arnaud

PALEOLÍTICO EM PORTUGAL – NOVOS DADOS, NOVAS PERSPECTIVAS

9 Análise comparativa entre o Acheulense de Grandes Lascas e o Acheulense “Tradicional” no Centro de Portugal

Alexandre Varanda

25 O aprovisionamento de matérias-primas líticas no centro da Península Ibérica no Paleolítico Médio – Estado da questão

Ana Abrunhosa, Belén Márquez, David M. Martín-Perea, Juan Luis Arsuaga, Alfredo Pérez-González, Enrique Baquedano

39 *Ground Stone Tools*: análise funcional quantitativa à escala macro e microscópica

Eduardo Paixão, João Marreiros

51 Cadeias operatórias do Paleolítico Médio da bacia do Arneiro

Nelson Almeida

75 Novos dados para a compreensão da ocupação humana na Fonte Santa (Torres Novas)

Luis Gomes

95 Contextos de descoberta e desafios do estudo dos sítios pré-históricos do Aproveitamento Hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida

Sérgio Gomes, Lurdes Oliveira, Cristina Gameiro, Carmen Manzano, Alicia Ameijenda, Bárbara Costa, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

115 A Indústria lítica do Gravettense Médio do Vau (Médio Vouga): apresentação de dados preliminares

Carmen Manzano, Cristina Gameiro, Sérgio Gomes, Bárbara Costa, Alicia Ameijenda, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

133 Dinâmicas de vegetação no final do Pleistocénico e início do Holocénico no atual território português

Cláudia Oliveira, João Pedro Tereso

147 Contributos para a caracterização do período tardiglacial no Médio Vouga: a indústria lítica do Rôdo, Vau e Bispeira 8

Cristina Gameiro, Carmen Manzano, Barbara Costa, Alicia Ameijenda, Sérgio Gomes, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

171 Ensaçando interpretações para a arte de transição do Vale do Sabor

Sofia Soares de Figueiredo, Pedro Xavier

185 O povoamento humano durante o Tardiglacial na Bacia do Guadiana: revisão dos dados

Cristina Gameiro, Francisco Almeida

ARTIGOS

203 Artefactos cilíndricos de Vila Nova de São Pedro – a colecção do Museu Arqueológico do Carmo (Lisboa)

Andrea Martins, César Neves, Mariana Diniz, José Morais Arnaud

225 Pensar o consumo enquanto categoria de análise arqueológica: notas para uma abordagem social e cultural

Francisco B. Gomes

- 237 Arqueologia e a Sociedade Portuguesa: definições, papéis e perspectivas do Passado no Presente
Daniel Carvalho
- 255 Do Carmo a São Vicente – Parte I. Colóquio de Homenagem a Fernando E. Rodrigues Ferreira (1943-2014)
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida
- 257 Manipulações cranianas da Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo)
Mário Varela Gomes, Carlos Didelet Vasques
- 277 Os azulejos do Convento de Santana de Lisboa: primeira abordagem
Mariana Almeida, Rosa Varela Gomes, Mário Varela Gomes
- 295 Artefactos de azeviche do Convento de Santana de Lisboa
Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes, Joana Gonçalves
- 313 A Batalha do Vimeiro numa perspectiva arqueológica
Rui Ribolhos Filipe
- 329 Fernando Rodrigues Ferreira e Conceição Machado: a propósito da questão da ocupação pré-portuguesa no arquipélago dos Açores
José Luís Neto

RELATÓRIOS

- 341 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2018
José Morais Arnaud
- 347 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2018
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 353 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2018
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 357 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida
- 365 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018
Jacinta Bugalhão, Rodrigo Banha da Silva, Miguel Lago
- 369 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 371 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2018
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

O POVOAMENTO HUMANO DURANTE O TARDIGLACIAR NA BACIA DO GUADIANA: REVISÃO DOS DADOS

Cristina Gameiro¹, Francisco Almeida²

¹ UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / cristina.gameiro@edu.ulisboa.pt

² Taungurung Land and Waters Council, Victoria, Australia / falmeida@taungurung.com.au

Resumo

No âmbito do plano de minimização de impactes da Barragem do Alqueva foram identificados e escavados os sítios da Malhada do Mercador ISW, do Monte da Ribeira 9, Chancudo 3 e Monte Roncanito 21. Apesar da ausência de datações absolutas a análise tecnológica da indústria lítica permitiu uma atribuição cronológica ao Tardiglaciário e/ou a uma fase inicial do Holocénico. A utilização maioritária de matérias-primas locais confere um aspecto incomum à indústria lítica, maioritariamente macrolítica. No contexto actual, de identificação recente de sítios arqueológicos coevos (nos vales do rio Sabor e do rio Vouga por ex.) ou do avanço dos trabalhos no vale do Côa, áreas igualmente desprovidas de sílex, apresentamos e revemos as principais características destes conjuntos artefactuais.

Palavras-chave: Guadiana, Pleistocénico, Tardiglaciário, Indústria lítica.

Abstract

The archaeological sites of Malhada do Mercador, Monte da Ribeira 9, Chancudo 3 and Monte Roncanito 21 were identified and excavated in the scope of the Alqueva Dam archaeological salvage plan, between 1998 and 2000. In spite of an absence of radiometric dating, the technological analysis of the lithic assemblages allowed for an attribution of the occupations to the Tardiglacial or an initial phase of the Holocene. The dominance of local non-siliceous raw materials concurs to the uncharacteristic aspect of the industry, mostly macrolithic. Having into consideration the recent identification of roughly contemporary contexts (in Sabor and Vouga valleys) and also some of the current re-interpretations for the Coa valley chronological sequence, we discuss the materials collected during the Alqueva project.

Keywords: Guadiana, Pleistocene, Tardiglacial, Lithic industry.

1. INTRODUÇÃO

A existência de um povoamento pleistocénico da região Sudeste de Portugal foi tardiamente confirmada. Tal como o verificado na região do Vale do Côa, também a zona da bacia do Guadiana permaneceu praticamente inexplorada até à apresentação de um projecto de construção de uma barragem: a barragem do Alqueva¹.

Sobretudo graças a trabalhos de Arqueologia preventiva, noutras regiões do país, tem aumentado a identificação de sítios arqueológicos com ocupações do Paleolítico Superior. São disso exemplo as descobertas nos vales dos rios Sabor e Vouga, que, contribuíram para a diminuição dos «desertos» de povoamento humano durante o Pleistocénico no território, actualmente, português. Paralelamente, têm sido continuados trabalhos de investigação no Vale do Côa e nas regiões da Estremadura e Algarve. O aumento dos dados disponíveis, os avanços no estudo da arte paleolítica do Vale do Côa (Santos, 2019) e uma maior resolução da sequência crono-estratigráfica do final do Paleolítico Superior permitiu identificar uma fase atribuível ao Azilense recente (Aubry & *alii*, 2017).

À luz destes elementos parece-nos justificável rever os contextos da Bacia do Guadiana atribuídos ao Magdalenense, nomeadamente os sítios do Monte da Ribeira 9 e da Malhada do Mercador ISW, publicados em 2013 (Almeida & *alii*, 2013). Uma vez que os dados sobre a estratigrafia e quantificação do material lítico destes dois sítios já foram publicados apresentaremos apenas uma síntese qualitativa com elementos necessários à discussão que aqui pretendemos expor. Será recapitulada a História da Investigação nesta região uma vez que nos parece útil relembrar as implicações que os avanços e re-cuos do projecto de construção da barragem tive-

¹ Idealizada nos anos cinquenta, como parte do *Plano de Rega do Alentejo*, projectada durante os anos sessenta, a sua construção só foi iniciada em 1976. Contudo, a obra seria suspensa em 1979, por motivos económicos, e só foi retomada em 1996. A conclusão da barragem, que originou um dos maiores lagos artificiais da Europa (250 km²), ocorreu em 2002.

ram na obtenção de dados sobre a ocupação deste território no passado. Apresentaremos uma revisão dos dados sobre os sítios Magdalenenses da Bacia do Guadiana, problematizando as evidências sobre a cronologia destas ocupações e avançando com a possibilidade da existência de povoamento durante o Azilense nesta área geográfica.

2. HISTÓRIA DA INVESTIGAÇÃO

Até 1998, no Alentejo interior, apenas dois sítios arqueológicos tinham cronologia paleolítica confirmada: Monte da Fainha, atribuído ao Solutrense (Zilhão, 1997) e a Gruta do Escoural, com níveis de ocupação do Paleolítico Médio e arte do Paleolítico Superior (Araújo & Lejeune, 1995; Otte & Silva, 1996). Para além destes sítios intervencionados em época moderna, existiam registos de recolhas de superfície avulsas realizadas na bacia do Guadiana. Em 1916, H. Breuil², em missão na Estremadura Espanhola, deslocou-se a Portugal, para visitar um abrigo rupestre na zona fronteiriça (Abrigos da Esperança, Arronches) e acabou por recolher várias peças líticas³ nos terraços do Caia, um afluente do Guadiana (Silva, 1999). Na sequência destes trabalhos, L. Barradas (1929 & 1939) empreende novas prospecções nos terraços quaternários situados na confluência do Caia e do Guadiana e, já na década de quarenta, A. Viana e M. Feio⁴ retomam a prospecção arqueológica da bacia do Guadiana (Silva, 1999). Numa área a jusante da zona a inundar, entre a foz do Ardila (Moura) e Vila Real de Santo António (foz do Guadiana), Abel Viana recolhe material líti-

² Na sequência desta incursão em território português foi tomado por espião e detido pelas autoridades portuguesas. Terá sido Leite de Vasconcelos, director do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, a confirmar por escrito a sua identidade. Permaneceu detido, esperando a carta de Lisboa mas conseguiu a simpatia dos guardas que o acompanharam em passeios pela região. Esses «passeios» terão resultado na publicação de dois artigos (Breuil, 1917, 1920).

³ «*coup de poing en quartzite*» (Breuil, 1920).

⁴ Geólogo que caracterizou os terraços quaternários do Guadiana a jusante da Ribeira de Ardila (Silva, 1999).

co «do acheulense e do languedocense, podendo algumas peças ainda que raras, reputar-se abbevillenses» (Viana, 1945, p.15; Viana, 1947; Varandas & Gomes, 2017). Outras recolhas de superfície foram sendo efectuadas na região Sul (Paço & Leal, 1962; Breuil, Ribeiro & Zbyszewski, 1943) mas a posição cronológica e o estatuto cultural, das indústrias macrolíticas identificadas, nunca foi definida com precisão. Podemos, portanto, afirmar que o nosso conhecimento sobre o povoamento pleistocénico desta região era quase inexistente até ao momento inicial dos trabalhos relacionados com a construção da barragem. Durante os cinquenta anos, que mediaram o projecto inicial e a inauguração da barragem, os trabalhos arqueológicos na região foram sendo impulsionados, ou abandonados, consoante o avanço ou o interregno das obras.

As primeiras prospecções motivadas pela construção da barragem, ainda que sem enquadramento institucional, tiveram lugar em 1975 e foram conduzidas por um grupo de estudantes de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, membros do G.E.P.P.⁵ Em 1979, Jorge Pinho Monteiro⁶, elaborou um projecto intitulado «*Estudos de Impacto do Empreendimento de Alqueva no domínio da Arqueologia*» e, entre outros alertas, chamou à atenção para a possível afectação de terraços com indústrias paleolíticas como um dos futuros impactos da obra (Silva, 1999). Durante o início dos anos oitenta a condução dos trabalhos relacionados com a arqueologia do Alqueva foi delegada ao Serviço Regional de Arqueologia do Sul, no âmbito das tarefas do recém-criado I.P.C.C. (Instituto Português do Património Cultural). O primeiro estudo de impacte ambiental, assim denominado, foi realizado entre 1984-86 sob a direcção de C. Tavares da Silva e J. Soares. Entre 1988-91 os trabalhos do Projecto Ar-

queológico do Alqueva prosseguiram novamente sob alçada do I.P.C.C. mas, entre 1991 e 1994, ocorre um novo interregno dos trabalhos. Em 1994, e por exigência da Comunidade Europeia, novo estudo de Impacte Ambiental é realizado⁷ (Silva, 1999).

O resultado das prospecções, recolhas de superfície e escavações de todos os projectos mencionados foram compilados num *Quadro Geral de Referência*, pela E.D.I.A. (Empresa de Desenvolvimento e Infra-estruturas do Alqueva): empresa promotora da construção da barragem (EDIA, 1996). Este inventário foi apresentado e discutido publicamente num colóquio em Moura em 1996 e de onde saiu o *Plano de Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico* (EDIA, 1997). No âmbito deste *Plano de Minimização* a identificação e o estudo das ocupações pleistocénicas da área total de afectação da albufeira da barragem (designado por Bloco 1) foram atribuídos a uma equipa do NEPHA-STEAA⁸, dirigida por um dos signatários (Francisco Almeida). As prospecções anteriores referiam alguns sítios caracterizados pelo predomínio de indústrias macrolíticas elaboradas maioritariamente sobre quartzito, e cujo «*posicionamento cronológico era tradicionalmente evitado através da conveniente, genérica e abrangente designação de Languedocense*» (Almeida, 2013).

Os trabalhos de campo decorreram entre Março de 1998 e Fevereiro de 2002 e tiveram como objectivos: «*a realocação e caracterização tafonómica dos sítios do Quadro Geral de Referência (EDIA, 1996); prospecção e realização de sondagens em contextos geomorfológicos propícios à preservação de acumulações sedimentares pleistocénicas, escavação em área de sítios com estratigrafia conservada, tratamento e estudo preliminar dos artefactos recolhidos*» (Almeida, Araújo & Cunha-Ribeiro, 2002, p. 95).

⁵ Grupo de Estudo do Paleolítico Português. Seguindo a sugestão de J. M. Arnaud as prospecções foram orientadas no sentido da identificação de sítios paleolíticos em terraços elevados. O sítio do Xêrez de Baixo, que servirá para sequenciar o *Languedocense* (Raposo & Silva, 1980/81) será identificado durante estes trabalhos.

⁶ Arqueólogo e docente no Instituto Universitário de Évora.

⁷ A parte relativa à Arqueologia será coordenada por C. Tavares da Silva, João Cardoso e Juan Javier Navascués.

⁸ Equipa resultante da junção de duas associações sem fins lucrativos: Núcleo de Estudos de Pré-história Antiga da Faculdade de Letras (da Universidade de Lisboa) e Sociedade Torrejana de Espeleologia e Arqueologia.

O estudo integral e detalhado das colecções líticas decorreu na segunda fase de trabalhos (2003-2007), igualmente sob a coordenação de Francisco Almeida. Os resultados obtidos foram já publicados no âmbito de artigos científicos (Almeida *et al.*, 1999; Araújo & Almeida, 2003, 2007; Almeida, Araújo & Cunha-Ribeiro, 2002; Ribeiro & Cura 2004, Angelucci, 2006, 2013), trabalhos académicos (Cura, 2003; Carrondo, 2006; Pereira, 2010) e na monografia final (Almeida, 2013). O trabalho efectuado permitiu o estudo de mais de 80 sítios arqueológicos dos quais dez foram atribuídos ao Paleolítico Superior e/ou Epipaleolítico: Retorta, Chancudos 1, 2 e 3, Monte da Ribeira 9, Malhada do Mercador 1-SW, Luz 2, Monte Roncanito 21 e 22 e Monte Anastácio 10. Há que reconhecer, no entanto, que para alguns a classificação é incerta (Luz 2 ou Monte Roncanito 22) e outros apresentam conjuntos artefactuais muito reduzidos (Retorta ou Monte do Anastácio). O sítio da Malhada do Mercador 1-SW, situado numa plataforma elevada do Guadiana e o sítio do Monte da Ribeira 9, situado na Ribeira do Alcarache (um afluente do Guadiana), como quase todos os sítios intervencionados na região, apresentavam problemas de integridade estratigráfica, mas foram escavados em área (> 40m²) e os conjuntos líticos recolhidos são numerosos (Almeida & *alii*, 2013).

3. OS SÍTIOS MAGDALENENSES DA BACIA DO GUADIANA: REVISÃO DOS DADOS

O estudo dos materiais líticos e a sua comparação com a sequência cultural identificada para a Estremadura (Zilhão, 1997): permitiu a atribuição de pelo menos dois sítios ao Magdalenense: Monte da Ribeira 9 (Mourão) e Malhada do Mercador ISW (Mourão) (Gameiro, 2012; Almeida & *alii*, 2013). As ocupações humanas de Chancudo 3 e Monte Roncanito 21 foram interpretados como datando de final do Tardiglaciário, ou início do Holocénico, mas o aspeto fruste da indústria lítica não permitiu conclusões seguras.

3.1. Enquadramento regional

Na Bacia hidrográfica do Guadiana os períodos de seca alternam com inundações torrenciais, facto que explica a erosão de formações sedimentares de baixa altitude e a conservação de sítios apenas em plataformas aluvionares ou coluvionares elevadas.

As ocupações do Paleolítico Superior encontravam-se preservadas apenas nas plataformas aluvionares ou coluvionares dos principais afluentes do Guadiana. As formações de baixa altitude, nas margens do Guadiana, terão sido erodidas por cheias torrenciais típicas desta bacia hídrica. A juntar a este facto, as plataformas com condições para a preservação de sedimentos, foram intensivamente agricultadas, originando palimpsestos difíceis de destrinçar: o mesmo pacote sedimentar contém frequentemente artefactos de vários períodos cronológicos: pedra lascada e cerâmicas da pré-história recente ou mesmo proto-históricas. Em alguns dos sítios identificados foram recolhidos conjuntos líticos reduzidos, facto que levou à sua inclusão do grupo de sítios de cronologia indeterminada (Almeida, Araújo & Cunha-Ribeiro, 2002; Almeida, 2013).

Para além destas limitações geomorfológicas podemos acrescentar a ausência de conservação de matéria-orgânica⁹. O substrato xistoso da região origina solos ácidos que não permitem a conservação de vestígios faunísticos e de macro-restos vegetais. Este facto, não permite conclusões sobre a dieta alimentar das populações humanas, torna mais difícil a reconstituição paleoambiental e impossível a realização de datações absolutas. A ausência total de datações radiométricas (para os sítios do Paleolítico Superior desta região) constitui um dos principais problemas na definição de uma sequência crono-cultural regional.

A rara utilização do sílex (sempre < de 2% do total de matérias-primas), condicionou o comportamento humano no passado e os conjuntos líticos recolhidos são compostos, na sua maioria, por quartzito e quartzo locais. Estas matérias-primas per-

⁹ O sítio da Barca do Xerez de Baixo representa uma excepção (Araújo & Almeida, 2013).

fazem mais de 90% das matérias-primas originando indústrias incaracterísticas. Tal prática está igualmente documentada nos sítios pleistocénicos do Vale do Côa (Aubry, 2009) e é fácil compreender que o

carácter fruste das indústrias torne mais difícil a sua comparação com a sequência crono-cultural estabelecida para a Estremadura (Zilhão, 1997).

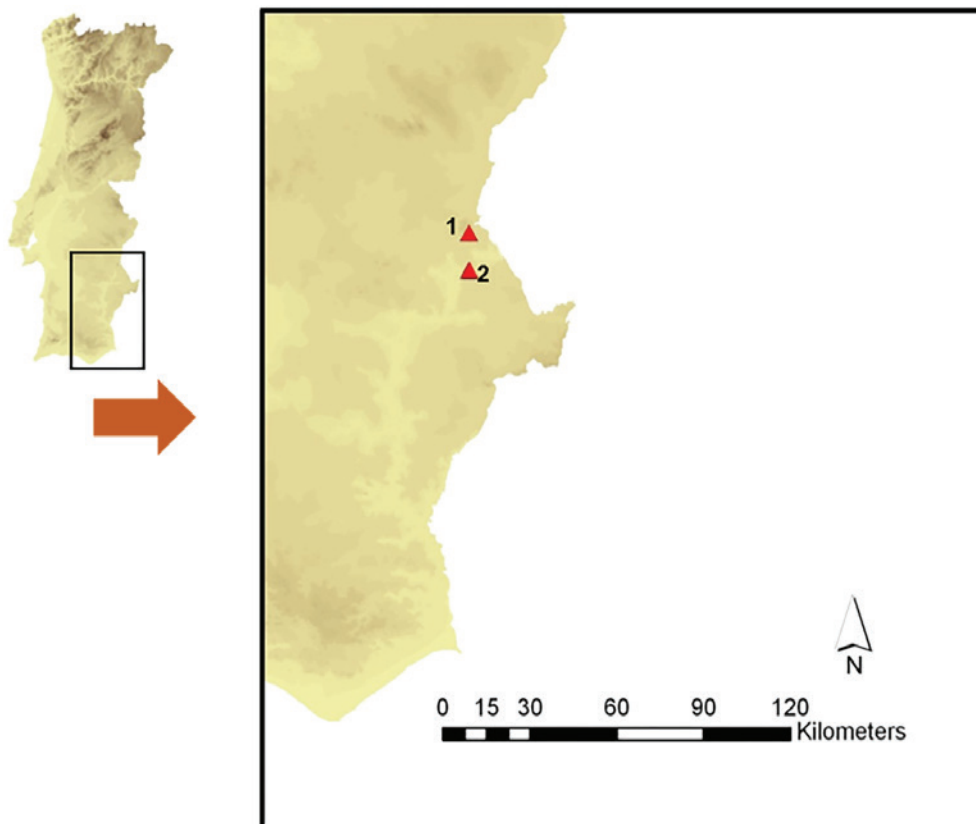


Figura 1 – Localização dos sítios arqueológicos: 1 – Malhada do Mercador ISW; 2 – Monte da Ribeira 9.

3.2. O Monte da Ribeira 9

O sítio do Monte da Ribeira 9, localiza-se a 124m de altitude numa plataforma na margem direita da ribeira do Alcarrache, afluente do rio Guadiana. Foi escavada uma área total de 45m², tendo sido recuperado um conjunto lítico composto por 13 793 exemplares. A existência de filões de quartzo nas imediações justifica a representação com 73% do total desta matéria prima. O sílex apenas está representado com apenas 1,57% do total das matérias-primas utilizadas; mas, o lidito, uma rocha local de grão fino, corresponde a 4,44%. Não está documentada uma produção laminar e as lascas constituem a maioria do tipo de suporte produzi-

do. A produção de lascas é expedita, sem investimento de conformação dos volumes e maioritariamente unipolar. A sua transformação em entalhes, denticulados e lascas retocadas constitui a maioria dos utensílios (Figura 2 nº28 e 29). O grupo das raspadeiras é pouco expressivo (14%). A utensilagem lamelar constitui 19% do total dos utensílios e é maioritariamente constituída por fragmentos de lamela de dorso em sílex. A produção lamelar é cuidada e foi possível identificar 2 modalidades de exploração das superfícies de debitage: exploração convergente originando núcleos piramidais e uma exploração paralela originando núcleos com superfícies de debitage retangulares (Figura 3).

Apesar dos núcleos evidenciarem uma produção lamelar em quartzo não foram identificadas lamelas retocadas nesta matéria prima. A existência de microgravettes (Figura 2 nº 25) e lamelas de dorso de tendência rectangular (Figura 2 nº 2-24) foi considerada um arcaísmo que poderá permitir a inclusão deste sítio numa fase mais antiga, provavelmente do

Magdalenense antigo ou superior (Gameiro, 2012; Gameiro, Aubry & Almeida, 2013). Com os elementos disponíveis é difícil justificar a presença do Trapézio (Figura 2 nº 26), expectável apenas em contextos mais tardios. Contudo, não podemos excluir a hipótese de se tratar uma peça que testemunhe uma ocupação deste local durante o Mesolítico.

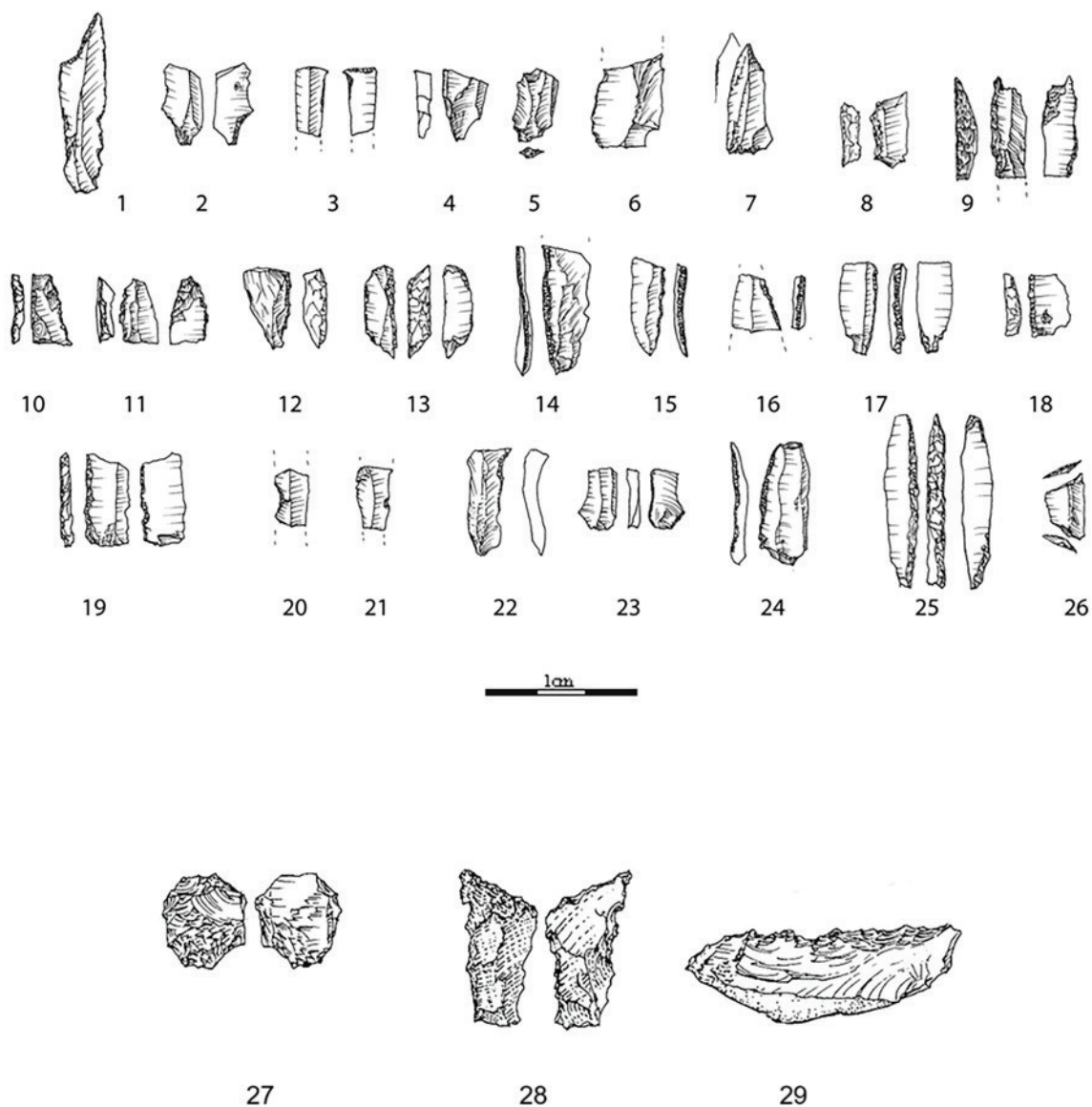


Figura 2 – Monte da Ribeira 9: 1-23 – sílex e matérias-primas indeterminadas. 1- ponta com truncatura oblíqua; 2-24 – fragmentos de lamela de dorso; 25 – microgravette; 26 – trapézio; 27 – peça esquirolada; 28 e 29 – denticulados. Desenhos de Katherine Monigal.

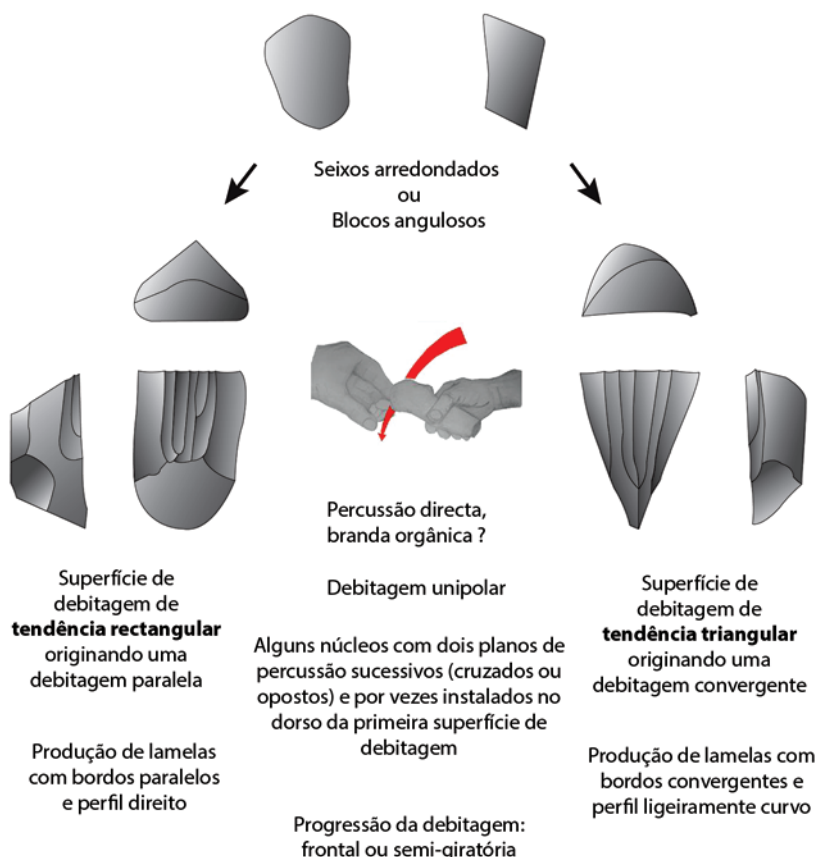


Figura 3 – Representação dos esquemas operatórios de produção lamelar no Monte da Ribeira 9. Desenho esquemático C. Gameiro & M. Costa.

3.3. A Malhada do Mercador ISW

O sítio da Malhada do Mercador ISW situa-se a 120m de altitude numa plataforma situada na margem esquerda do rio Guadiana e, numa área escavada de 47m², foram recolhidas 19 388 peças. Apesar da identificação de UE distintas, na área escavada em área, o contexto é interpretado como contemporâneo e as diferenças estratigráficas resultam das intervenções agrícolas recentes. A soma dos materiais em quartzo e quartzito perfaz 90% do total, distribuindo-se equitativamente por estas matérias primas com, respetivamente, 45% e 46%. Cerca de 33% da utensilagem é constituída por utensílios do fundo comum (entalhes, denticulados e raspadores) e as raspadeiras constituem cerca de 18% dos utensílios. As lascas em quartzo e quartzito são o tipo de suporte mais numeroso e são obtidas através de métodos expeditos, unipolares, tirando par-

tido da morfologia dos volumes: seixos achatados são explorados a partir da espessura, produzindo lascas curtas e sempre com parcialmente corticais e seixos mais globulosos são explorados a partir dos seus diedros naturais, originando lascas de maior dimensão (Figura 4). O grupo da utensilagem lamelar representa 20% do total e estes suportes são produzidos em sílex, quartzo e outras materiais primas indeterminadas, mas de grão fino. Os núcleos sobre lasca são raros e a debitage bipolar sobre bigorna, sobretudo em quartzo, é frequente. Não há uma produção intencional de lâminas. A ocorrência de trapézios, lamelas de Areiro, lamelas de dorso marginal e uma ponta de *Malaurie* (Figura 5 nº 15) conduziram a uma atribuição ao Magdalenesense Final, *fácies Carneira* (Zilhão, 1997). No entanto, tendo em conta os dados recentes do Vale do Côa (Aubry & alii, 2017; Santos, 2019) e a consequente

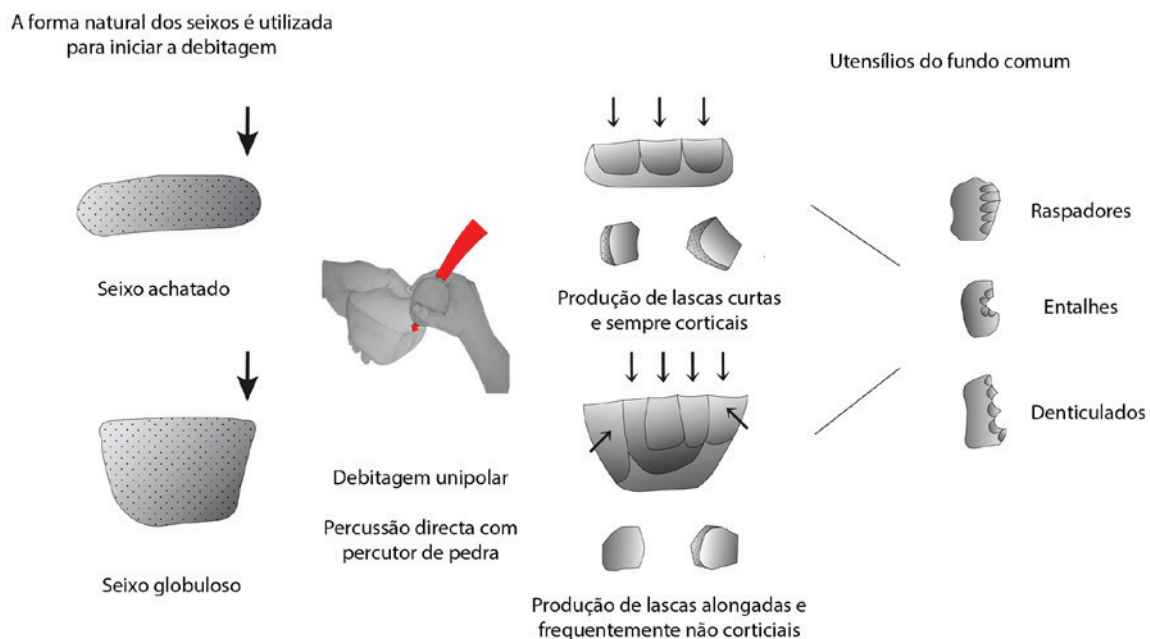


Figura 4 – Representação gráfica dos dois principais esquemas de produção de lascas de quartzito na Malhada do Mercador 1SW. (Desenho C. Gameiro & M. Costa).

proposta para a utilização da classificação Azilense para sítios apresentando indústrias semelhantes, a ocupação humana da Malhada do Mercador 1SW pode ser considerada Azilense.

3.4. Comparação com Chancudo 3 e Monte Roncanito 21

Os sítios de Chancudo 3 e Monte Roncanito 21 apresentam algumas características tipológicas semelhantes aos sítios considerados Magdalenenses (a tipologia das raspadeiras, por exemplo). Contudo, no Monte do Roncanito 21 a tecnologia da debitação em quartzito, aproxima-se mais da descrita para o sítio da Barca do Xerez (situado numa plataforma sobranceira ao Guadiana) atribuído ao Mesolítico Antigo e datado por radiocarbono entre 7800 e 7200 cal BC (Araújo & Almeida, 2003, 2007, 2008, 2013; Araújo, 2016). A ausência de datações absolutas não autoriza conclusões sólidas, mas podemos, no entanto, avançar 2 hipóteses: a) estamos perante contextos contemporâneos e as diferenças observadas têm explicação funcional ou b) estas diferenças têm um significado cronológico e o Monte Roncanito 21 documenta uma

fase anterior ao Mesolítico Antigo, provavelmente já holocénica, mas com perduração de elementos tecnológicos tradicionalmente paleolíticos (Gameiro, 2012; Almeida & alii, 2013).

4. DISCUSSÃO: EXISTIU UM POVOAMENTO DURANTE O TARDIGLACIAR NA BACIA DO GUADIANA?

Como referimos, nesta região, previamente aos trabalhos arqueológicos relacionados com a construção da barragem de Alqueva, tinham sido efectuadas apenas algumas recolhas de material lítico e até 1998 todos os sítios apresentando indústria macrolítica tinham sido etiquetados de *Languedocenses*. Apenas no âmbito do *Plano de Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico* (EDIA, 1997) foi delineado um projecto orientado para a identificação e o estudo das ocupações pleistocénicas da área total de afectação da albufeira da barragem. Os dois conjuntos líticos que apresentámos previamente (Malhada do Mercador 1SW e Monte da Ribeira 9) foram intervencionados no âmbito desse projecto. Ambos se situam em zonas aplanadas,

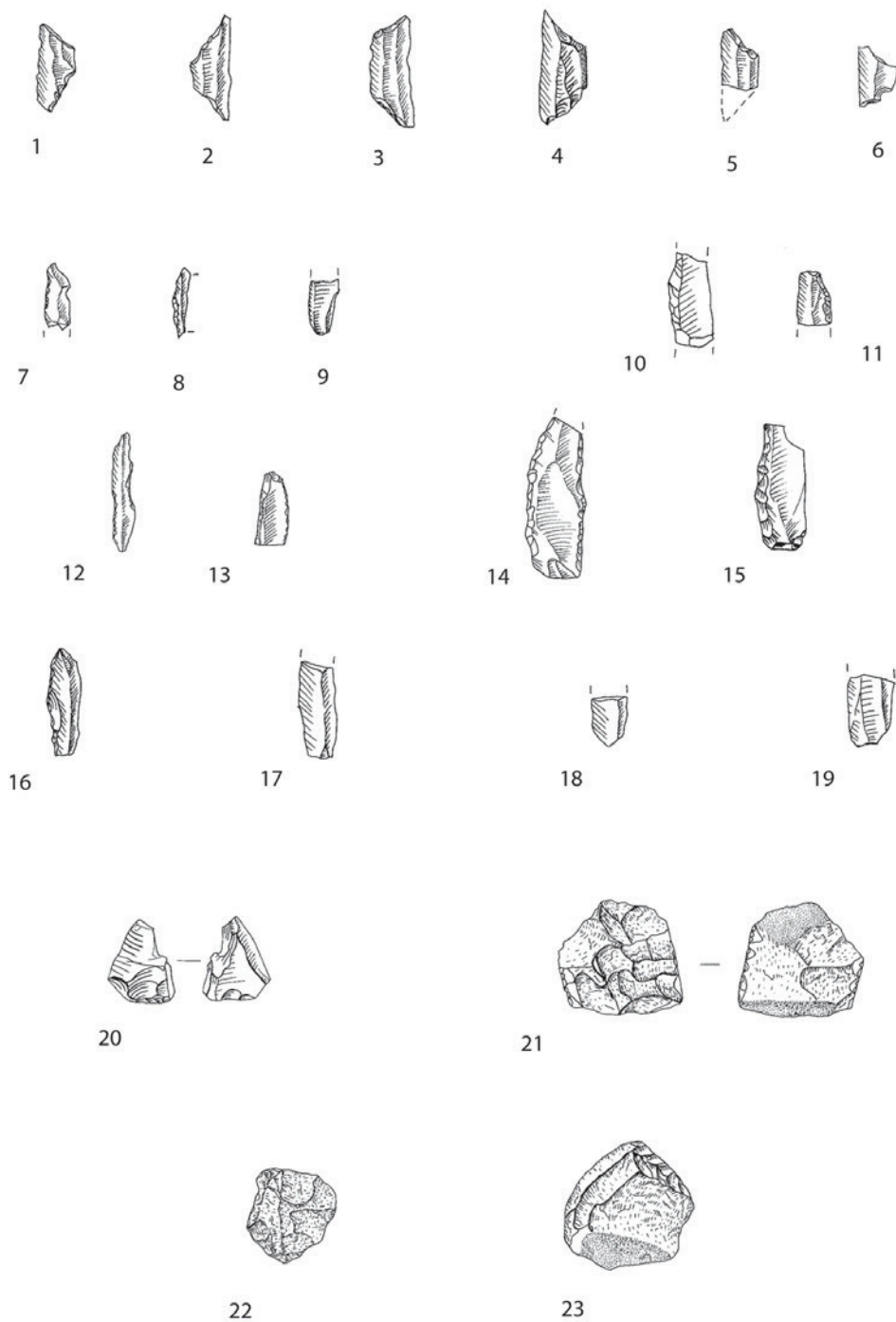


Figura 5 – Malhada do Mercador 1-SW, UE0 e UE1 (nº12) 1,7,8,10,11,12,13,14,16,17,18,20 – sílex; 2,3,4,6,9,15,19 – matérias-primas indeterminadas; 5 – xisto; 21,22,23 – quartzo. 1,2,3,4,5,6 – trapézios; 7,8,9,12 – lamelas de Areeiro; 10,11 – fragmentos de lamelas de dorso; 13 – lamela com entalhe; 14 – lamela de dorso giboso; 15 – Ponta de *Malaurie*; 16,17,18,19 – lamelas de dorso marginal; 20,21,22 – peças esquírolas 23 – raspadeira afocinhada. Desenhos de Ana Palma.

junto a linhas de água (Guadiana e Alcarrache) na proximidade de matéria-prima¹⁰ e apresentam um conjunto lítico com elementos tipo-tecnológicos concordantes com uma atribuição cronológica pleistocénica. Contudo, as alterações pós-deposicionais sofridas, o tipo de utensílios recolhidos (maioritariamente em quartzito e quartzo), a ausência de fauna e a inexistência de estudos petrográficos tornam impossível caracterizar, em detalhe, a circulação de matérias-primas e a funcionalidade destes sítios arqueológicos. A diversidade das classes de utensílios representadas aponta para ocupações não especializadas¹¹ (acampamento residencial temporário?) mas na ausência de dados complementares (análise faunística e traceológica) apenas hipóteses podem ser alvitadas. A única problematização possível diz respeito ao posicionamento cronológico destas ocupações humanas.

A ausência de preservação de matéria orgânica impossibilitou a realização de datações pelo método do radiocarbono e não foi possível recorrer a outros métodos de datação absoluta. Exceptuando a UE2 da Malhada do Mercador as restantes unidades estratigráficas, onde foram recolhidos artefactos líticos, foram fortemente alteradas por fenómenos pós-deposicionais. A UE1 da Malhada do Mercador terá sido truncada por lavras recentes mas os materiais provenientes desta unidade estratigráfica provêm de contexto selado. A existência de cerâmica moderna e pré-histórica entre os materiais recolhidos na UE0 da Malhada do Mercador torna evidente a existência de contaminações recentes. No entanto, deslindar possíveis misturas relativamente aos artefactos líticos afirma-se menos imediato. A localização do sítio da Malhada do Mercador T-SW, situa-

do numa plataforma sobranceira a um afloramento de um terraço elevado do Guadiana, terá motivado a frequência e a ocupação daquele espaço com vista ao aprovisionamento em matéria-prima durante toda a pré-história. A cerâmica recolhida deverá ser de cronologia neo-calcolítica, período bem representado nos sítios arqueológicos da região¹². Tendo em conta este elemento, podemos considerar homogéneo o numeroso conjunto lítico recolhido? A identificação de estigmas de percussão indirecta em dois núcleos provenientes de recolhas de superfície obrigou à sua exclusão do conjunto estudado. Algumas lamelas¹³ podem ter relação com este tipo de produção. Estes núcleos e lamelas podem perfeitamente ter relação com o conjunto cerâmico recolhido. A tipologia dos seis trapézios recolhidos e o facto de serem sempre produzidos em rochas locais (xisto ou outras silicificações indeterminadas) colocam igualmente alguns problemas de integração cronológica. Estes podem ter relação com uma ocupação holocénica (mesolítica ou neolítica) do local, mas têm sido incluídos na panóplia de utensílios atribuíveis a uma fase final do Magdalenense na Estremadura (Bicho, 2000; Zilhão, 1997).

Ainda mais problemática é a cronologia da numerosa componente macrolítica da indústria. A ausência neste conjunto de método *levallois* e talhe discoide, identificados na região, nos sítios de Porto Meirinho 1 (Carrondo, 2006) e Sapateiros 2 (Cura, 2003) atribuídos ao Paleolítico Médio, pode ser um argumento para recusar uma cronologia antiga para estas peças¹⁴. No entanto, nos sítios atribuídos ao Paleolítico Médio nem todo o talhe é discoide ou efectuado segundo método *levallois*.

Neste contexto, e tendo em conta a historiografia regional, é imperativo abordar a problemática rela-

¹⁰ Cascalheira sobranceira ao sítio, no caso da Malhada do Mercador T-SW e filões de quartzo no caso do Monte da Ribeira 9.

¹¹ O número elevado de lamelas fracturadas em silex (alocótono) pode ser relacionado com um episódio de reparação de armamento de caça. Alguns micro-levantamentos burinantes e fracturas em «*plume*» diagnósticas da utilização como projétil de caça (Christensen & Valentin; 2004), foram identificados sobre 4 fragmentos de lamelas de dorso: duas da Malhada do Mercador e duas do Monte da Ribeira (Gameiro, 2012).

¹² Nomeadamente os monumentos funerários: antas e *tholoi*, motivaram trabalhos arqueológicos na região desde os anos cinquenta (Gonçalves, 1992 por exemplo).

¹³ Cerca de seis exemplares apresentam estigmas que podem indicar percussão indirecta.

¹⁴ Estas poderiam ser originárias do desmantelamento, por erosão, de níveis antigos conservados no terraço sobranceiro ao sítio.

cionada com o Languedocense. Esta denominação foi aplicada por H. Breuil na classificação de conjuntos líticos macrolíticos pleistocénicos (e posteriormente vistos como holocénicos). Tradicionalmente incluía seixos truncados, seixos achatados talhados, *coup-de-poing* atípicos, discos e pesos de rede. O Ancorense, com picos proto-asturienses, constituiria uma variante regional localizada no litoral Norte (Minho) e o Mirense, com um tipo de machados característicos, representaria as indústrias situadas no litoral Sul (Alentejo) (Carvalho, 2007; Raposo, 1986, 1994, 1997; Silva, 1994). Estes materiais, sempre alvo de recolhas de superfície e nunca provenientes da escavação de sítios estratificados, foram mais tarde vistos como fazendo parte de uma tradição cultural própria mantida durante uma ampla cronologia (Zbyszewski, Penalva & Cardoso, 1979). Já no âmbito dos trabalhos relacionados com a barragem do Alqueva¹⁵ a escavação do sítio do Xerez de Baixo permitiu a L. Raposo e A.C. Silva (1980/81; 1984) enquadrar estratigraficamente a indústria macrolítica recolhida, definir a lista tipo da utensilagem característica¹⁶ (incluindo análise morfotécnica) e confirmar uma cronologia exclusivamente holocénica para estas indústrias que se localizariam no litoral e nos vales dos grandes rios (Tejo, Caia, Guadiana) (Raposo & Silva, 1984). Contudo, a continuação dos trabalhos relativos à construção da barragem, possibilitou a realização de mais escavações neste local confirmando que a estratigrafia do local estava afectada por remeximentos pós-deposicionais e que os materiais seriam essencialmente neolíticos (Gonçalves, 2002).

Ironicamente, os trabalhos arqueológicos realizados no âmbito da barragem de Alqueva, permitiram a identificação de um sítio com abundante indústria macrolítica, preservação de estruturas e conservação de fauna: a Barca do Xerez de Baixo. Este contexto foi datado pelo radiocarbono entre

¹⁵ Prospecções realizadas pelo G.E.P.P. em 1979.

¹⁶ Várias tipologias de seixo unifacial, biface, *coup-de-poing*, disco, machado, pico ou proto-pico, peso de rede etc. (Cf. Raposo & Silva, 1984).

7 800 e 7 200 cal BC e a análise da fauna permitiu identificar um local de processamento de carcaças de auroques, cavalos e veados (Almeida & *alii*, 1999; Araújo & Almeida, 2003, 2007, 2008, 2013; Angelucci, 2006; Araújo & Almeida, 2013; Araújo, 2016).

Actualmente não é possível aceitar a utilização do termo Languedocense, como correspondente a um período cronológico ou a uma entidade cultural, mas sim como um conjunto de indústrias resultantes de um esquema tecnológico expedito, condicionado pela matéria-prima local (quartzito) e provavelmente motivado por imperativos funcionais: processamento de carcaças animais? (Araújo & Almeida, 2013; Carvalho, 2007; Gonçalves, 2002; Pereira, 2010).

Na verdade, a utilização do quartzito é comum a todo o Paleolítico Superior português (Zilhão, 1997). Para J. Zilhão esta utilização, de uma matéria-prima ubíqua em todo o território, seria uma forma de economizar sílex. A utilização desta matéria-prima na produção expedita de lascas a partir de seixos torná-la-ia tecnologicamente menos distintiva. Recentemente T. Pereira procedeu a uma abordagem diacrónica (Paleolítico Superior e Epipaleolítico) e comparativa da componente em quartzito das indústrias líticas de vários sítios arqueológicos localizados em ambientes geológicos distintos (Estremadura, Bacia do Guadiana e Algarve) e concluiu que há uma continuidade da generalidade das estratégias de obtenção de lascas (Pereira, 2010). Este autor é da opinião que o uso do quartzito integra um sistema onde há complementaridade de matérias-primas e que as suas características físicas o tornam um elemento preferencial de uso nas tarefas de processamento/desmanche de carcaças animais. A presença de percentagens elevadas de quartzito pode ter uma explicação funcional (Pereira, 2010, pp. 350).

A produção de lascas em quartzito e a transformação destas em utensílios de fundo-comum é frequente nas colecções magdalenenses portuguesas. Na UE3 da Lapa dos Coelhoos, a menos de 5km de fontes de aprovisionamento em sílex, este tipo de produção representa 19% da indústria (Gameiro, 2003; Gameiro, Aubry & Almeida, 2008; Gamei-

ro, Davis & Almeida, 2017; Almeida & *alii*, 2004). No sítio do Fariseu (Vale do Côa) situado longe de fontes de sílex, o quartzito representa 13% das matérias-primas utilizadas (Aubry, 2009) e, também aqui, alguns seixos afeiçãoados foram identificados. Recentemente, no Vale do Vouga, foram identificados sítios com ocupação humana durante o Tardiglacial e, nestes sítios, a componente macrolítica, utilizando quartzito ou rochas vulcânicas de grão grosseiro, está significativamente representada (Gameiro & *alii*, 2018; Gameiro & *alii* neste volume). No Rôdo estes materiais constituem cerca de 15% do total da indústria lítica e na Bispeira 8, com datações absolutas correspondentes ao Magdalenense Final, apenas foram recolhidos seixos afeiçãoados/núcleos para lascas e lascas em quartzo e quartzito (Gameiro & *alii*, 2018; Gameiro & *alii* neste volume).

Tendo em conta estes dados, consideramos legítimo fazer a ressalva que parte da indústria macrolítica da UE0 da Malhada do Mercador pode pertencer a uma ocupação humana de cronologia mesolítica ou mesmo neolítica. No entanto, estas estratégias de debitage, adaptadas à forma do seixo, estão igualmente documentadas em sítios magdalenenses datados por métodos absolutos (¹⁴C e TL). Por outro lado, na UE1 (*in situ* geológico) e apesar do número diminuto de peças recolhidas (988) foi documentada a mesma utilização do quartzito: a maioria dos 18 núcleos identificados apresenta a debitage preferencial de seixos achatados seguindo uma progressão frontal: estratégia dominante no conjunto de materiais da UE0. Na UE1 a par com esta indústria macrolítica encontramos a versão leptolítica claramente paleolítica: raspadeiras, buris e utensilagem lamelar autorizando uma atribuição cronológica ao Azilense da totalidade dos materiais da UE1 e provavelmente da grande maioria das peças recolhidas na UE0. A identificação na UE2 de um fragmento de lamela de dorso com retoque inverso na base semelhante às microgravettes identificadas no Monte da Ribeira 9 pode sugerir uma ocupação gravettense, mas estas peças estão igualmente presentes em contextos magdalenenses da Estremadura (Zilhão, 1997; Bicho, 2000;

Gameiro, 2012; Gameiro, Aubry & Almeida, 2013).

O conjunto de materiais líticos recolhidos no Monte da Ribeira 9 apresenta menos problemas de integridade da amostra. Numa fase intermédia de estudo chegámos a colocar a hipótese de estarmos perante uma mistura de materiais gravettenses e mesolíticos (Gameiro, 2012) mas, actualmente, tal parece-nos pouco verosímil. A ausência de datações absolutas e a escassez de dados existentes para este período na região tornam arriscada qualquer atribuição cronológica, no entanto as características gerais da indústria podem corresponder a um conjunto homogéneo que poderá datar do Magdalenense antigo ou superior.

5. CONCLUSÃO

Tendo em conta as características gerais da indústria lítica recuperada no Monte da Ribeira 9 e no sítio da Malhada do Mercador ISW: miniaturização da utensilagem, ausência de produção laminar, utensilagem sobre lasca e lamela, percentagem elevada de utensilagem do fundo comum, variabilidade e tipo de modalidades de produção lamelar e a tipologia das lamelas retocadas podemos confirmar a existência de um povoamento datado do Tardiglacial no vale do Guadiana. A utilização maioritária de matérias-primas locais (> 90% = quartzo e quartzito) origina colecções de aspecto fruste, com grande percentagem de utensilagem comum e especificidades regionais. Contudo, observamos a manutenção de elementos estruturantes, ao nível das modalidades de produção e transformação de suportes lamelares, presentes não só nos sítios da Estremadura (Zilhão, 1997) mas também na utilização frequente da debitage bipolar sobre bigorna, elemento omnipresente nos sítios do Vale do Côa (Aubry & *alii*, 1998; Aubry, 2009; Aubry & *alii*, 2017), Vale do Sabor (Gaspar, 2016) e Vale do Vouga (Gameiro & *alii*, 2018). Para além dos sítios aqui apresentados também os sítios de Chancudo 1, Chancudo 2 e dos Chancudo 3 foram preliminarmente atribuídos a uma fase recente do Paleolítico Superior (Almeida & *alii*, 2013). Os dados existentes parecem apontar

para a existência de uma ocupação durante o Magdalenense antigo ou superior no Monte da Ribeira 9; durante o Azilense na Malhada do Mercador ISW, em final do Pleistocénico ou numa fase inicial do Holocénico no Chancudo 3 e no Monte Roncanito 21 e do Mesolítico Antigo na Barca do Xerez. A con-

tinuação dos trabalhos em regiões limítrofes poderá trazer elementos que reforcem, ou não, a cronologia avançada (através da obtenção de datações absolutas), possibilitar dados sobre a subsistência das populações (análise faunística) e a funcionalidade das ocupações humanas.

Fase crono-cultural	Sítios Arqueológicos	Características tecnológicas
Magdalenense Antigo / Superior	Monte da Ribeira 9	Núcleos de tendência rectangular e núcleos de tendência triangular Lamelas de dorso de tendência rectangular Microgravettes Macro-utensilagem e utensilagem fundo comum numerosa
Magdalenense Final / Azilense?	Malhada do Mercador ISW	Debitagem bipolar sobre bigorna frequente Ponta de <i>Malaurie</i> Trapézios Macro-utensilagem e utensilagem fundo comum numerosa
Pleistocénico Final / Holocénico inicial?	Chancudo 3 Monte Roncanito 21	Raspadeiras Macro-utensilagem e utensilagem fundo comum numerosa
Mesolítico Antigo	Barca do Xerez	Macro-utensilagem / debitage de lascas com rara ou inexistente transformação

Tabela 1 – Quadro síntese das características das várias fases da transição Pleistocénico-Holocénico e sítios correspondentes.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Francisco (coord.) (2013) – *Testemunhos do Paleolítico no Regolho do Alqueva. Resultados do Bloco 1 do Plano de Minimização de Impactes*. EDIA: Beja.
- ALMEIDA, Francisco; GAMEIRO, Cristina; PEREIRA, Teresa; QUELHAS, Ana (2013) – O Paleolítico Superior In ALMEIDA, Francisco (dir.) – *Testemunhos do Paleolítico no Regolho de Alqueva. Resultados do Bloco 1 do Plano de Minimização de impactes sobre o Património Arqueológico*, Beja:EDIA, pp. 93-178.
- ALMEIDA, Francisco; ARAÚJO, Ana Cristina; CUNHA-RIBEIRO, João Pedro (2002) – Contribuição para o estudo do Paleolítico no Alentejo interior: resultados preliminares do Bloco B1 do Plano de Minimização de Impactes da Barragem de Alqueva. *Almadan*. 2ª Série, nº 11, pp. 94-98.
- ALMEIDA, Francisco; MAURÍCIO, João; SOUTO, Pedro; VALENTE, Maria João (1999) – Novas perspectivas para o estudo do Epipaleolítico do interior alentejano: notícia preliminar sobre a descoberta do sítio arqueológico da Barca do Xerez de Baixo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2 (1), pp. 25-38.
- ANGELUCCI, Diego (2006) – Micromorphological observation on some samples from the prehistoric site of Barca do Xerez de Baixo (Reguengos de Monsaraz, Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9 (1), pp. 5-19.
- ANGELUCCI, Diego (2013) – Geoarqueologia do sítio da Barca do Xerez de Baixo In ARAÚJO, Ana Cristina; ALMEIDA, Francisco (coord.) – *Barca do Xerez de Baixo. Um testemunho invulgar das últimas comunidades de caçadores-recolectores do Alentejo Interior*. Bloco B1 do Plano de Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico. EDIA: Beja.

- ARAÚJO, Ana Cristina (2016) – *Une histoire des premières communautés mésolithiques au Portugal*. BAR.
- ARAÚJO, Ana Cristina; ALMEIDA, Francisco (2003) – Barca do Xerez. Balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6 (1), pp. 17-67.
- ARAÚJO, Ana Cristina; ALMEIDA, Francisco (2007) – Inland Insights into the Macrolithic Puzzle: the case of Barca do Xerez de Baixo. In *From the Mediterranean basin to the Portuguese Atlantic shore: papers in honor of Anthony Marks*. (IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro, Setembro de 2004). Faro: Universidade do Algarve. (Promontoria Monográfica 07).
- ARAÚJO, Ana Cristina; ALMEIDA, Francisco (2013) – *Barca do Xerez de Baixo. Um testemunho invulgar das últimas comunidades de caçadores-recolectores do Alentejo Interior*. Bloco B1 do Plano de Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico. EDIA:Beja.
- ARAÚJO, Ana Cristina; ALMEIDA, Francisco (2008) – L'apport de la méthode des remontages dans l'évaluation des processus de formation et d'altération des dépôts archéologiques: le cas de Barca do Xerez de Baixo (Portugal). In *Actas XV Congrès de l'Union Internationale des Sciences Préhistoriques et Protohistoriques*. Lisboa, Setembro de 2006.
- ARAÚJO, Ana Cristina, LEJEUNE, Marylise (1995) – *Gruta do Escoural: Necrópole Neolítica e Arte Paleolítica*. Trabalhos de Arqueologia 8. Lisboa. IPPAR.
- AUBRY, Thierry (ed.) (2009) – *200 séculos da História do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Trabalhos de Arqueologia, vol. 52, IGESPAR. Lisboa.
- AUBRY, Thierry; GAMEIRO, Cristina; SANTOS, André; LUÍS, Luís (2017) – Existe Azilense em Portugal? Novos dados sobre o Tardiglacial e o Pré-Boreal no vale do côa. In Arnaud, J. M.; Martins, A. (eds) – *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da questão*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 403-418.
- AUBRY, Thierry; ZILHÃO, João; ALMEIDA, Francisco; FONTUGNE, Miguel (1998) – Production d'armatures microlithiques pendant le Paléolithique supérieur et le Mésolithique au Portugal. In *Actas del II Congresso de Arqueologia Peninsular (Zamora, Septiembre de 1996). Tomo I – Paleolítico y Epipaleolítico*, Fundación Rei Afonso Henriques, Zamora. pp. 259-272.
- BARRADAS, Luís (1929) – Paleolítico de Elvas. *O Arqueólogo Português*, 27, pp. 182-183.
- BARRADAS, Luís (1939) – Estações Paleolíticas do Caia Inferior. *Brotéria*, vol. XXVII, fasc. 2.
- BICHO, Nuno (2000) – *Technological change in the final upper Palaeolithic of Rio Maior*, ARKEOS 8, Tomar.
- BREUIL, Henri (1917) – *Glans Paléolithiques anciennes dans le Bassin du Guadiana*. L'Anthropologie. Paris. 28: 1-2, pp. 1-19.
- BREUIL, Henri (1920) – La station paléolithique ancienne d'Arroches. *O Arqueólogo Português*. XXIV, Lisboa. pp. 47-55.
- BREUIL, Henri; RIBEIRO, Orlando; ZBYSZEWSKI, Georges (1943) – *Les plages quaternaires et les industries préhistoriques du littoral de l'Alentejo entre Sines et Vila Nova de Milfontes*. In Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências. Porto. 8, pp. 48-62.
- CARRONDO, Joana (2006) – *Análise tecnológica do sítio de Porto Meirinho*. Instituto Politécnico de Tomar / Universidade do Alto Douro e Trás-os-Montes, [Tese de Mestrado policopiada].
- CARVALHO, António Faustino (2007) – Ossos, pedras e isótopos. Contribuições para o estudo de dois temas da Pré-História do Sul de Portugal. *Vípasca Arqueologia e História*, nº2, 2ª série, pp. 8-15.
- CHISTENSEN, Marianne; VALENTIN, Boris (2004) – «Armatures de projectiles et outils: de la production à l'abandon». In PIGEOT, N. (Ed.) – *Les derniers Magdaléniens d'Étiolles. Perspectives culturelles et paléohistoriques (L'unité d'habitation Q31)*, CNRS éditions, Paris, pp. 107-160.
- CURA, Sara (2003) – *Matières-premières et variabilité technologique au Paléolithique Moyen Portugais: l'exemple du site de Sapateiros 2 (Baixo Alentejo, Portugal)*. Diplôme d'études approfondies. Tese policopiada. Paris: Université de Paris 1, Panthéon Sorbonne.
- EDIA (1996) – *Património arqueológico no Regolfo de Alqueva*. Quadro Geral de Referência. Beja: Edia.
- EDIA (1997) – *Plano de Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico*. Beja: Edia.
- GAMEIRO, Cristina (2012) – *La variabilité régionale des industries lithiques de la fin du Paléolithique Supérieur au Portugal*. Université de Paris I – Panthéon-Sorbonne [Tese de Doutoramento. Exemplar policopiado].
- GAMEIRO, Cristina; AUBRY, Thierry; ALMEIDA, Francisco (2008) – L'exploitation des matières premières au Magdalénien Final en Estremadura portugaise : données des sites de Lapa dos Coelhos et de l'Abri dos Covões. In AUBRY, T.; ALMEIDA, F.; ARAÚJO, A. C.; TIFFAGOM, M. (ed.) – *Espace et temps: Quelles diachronies, quelles synchronies, quelles échelles? Proceedings of the UISPP meeting (4-9 Setembro, Lisboa, 2006)*. BAR International Series 1831. Oxford, pp. 57-67.
- GAMEIRO, Cristina; AUBRY, Thierry; ALMEIDA, Francisco (2013) – A variabilidade regional das indústrias líticas do final do Paleolítico Superior em Portugal. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C.; (Coords.) *Arqueologia em Portugal – 150 anos*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 277-287.

- GAMEIRO, Cristina; DAVIS, Simon; ALMEIDA, Francisco (2017) – A sequência estratigráfica da lapa dos coelhos: funcionalidade e substância ao longo do pleistocénico superior no sopé na serra de aire (Portugal). In Arnaud, J. M.; Martins, A. (eds) – Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da questão, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 357-374.
- GAMEIRO, Cristina; GOMES, Sérgio; MANZANO, Carmen; COSTA, Bárbara; AMEIJENDA, Alicia; OLIVEIRA, Lurdes; MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio; GOMES, Alberto; OLIVEIRA, Cláudia; TERESO, João; MATIAS, Henrique; AUBRY, Thierry – (2018) *The Pleistocene-Holocene transition: new data from the sites of Rôdo, Vau and Bispeira 8 (Vouga valley, Portugal)*. Poster 8th Annual Meeting of the European Society for the study of Human Evolution, <https://docplayer.net/87563946-European-society-for-the-study-of-human-evolution.html>, p. 94.
- GAMEIRO, Cristina; MANZANO, Carmen; COSTA, Bárbara; AMEIJENDA, Alicia; GOMES, Sérgio; MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio; GOMES, Alberto; AUBRY, Thierry; MATIAS, Henrique – (2020) – Contributos para a caracterização do período tardiglaciário no Médio Vouga: a indústria lítica do Rôdo, Vau e Bispeira 8. *Arqueologia & História – Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Vol. 70, Lisboa, pp. 149-171.
- GASPAR, Rita (2009) – *Estudo petroarqueológico da utilidade da indústria lítica do sítio arqueológico Lajinha 8 (Évora, Portugal)*. *Análise de proveniências*. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, [Tese de Mestrado policopiada].
- GASPAR, Rita; FERREIRA, João; CARRONDO, Joana; SILVA, Maria João (2016) – The use of quartz during the Upper Paleolithic and Early Mesolithic in Sabor Valley (NW Iberia): The Foz do Medal case. *Quaternary International*, 424, pp. 98-112.
- GASPAR, Rita; PEDRO, Jorge; MATA, João (2009) – Estudo arqueopetrográfico da utilidade da indústria lítica do sítio neolítico Lajinha 8 (Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 12. Número 1, pp. 19-33.
- GONÇALVES, Victor dos Santos (2002) – Lugares de povoamento das antigas sociedades camponesas entre o Guadiana e a Ribeira do Álamo (Reguengos de Monsaraz): um ponto da situação em inícios de 2002. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5:2, pp. 153-189.
- GONÇALVES, Victor dos Santos (1992) – *Revendo as Antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica (Cadernos da UNIARQ 2).
- OTTE, Marcel; SILVA, António Carlos (1996) – *Recherches préhistoriques à la grotte d'Escoural, Portugal*. Liège, ERAUL 1996.
- PAÇO, Afonso Do; LEAL, Joaquim (1962) – *Estação paleolítica da ponte do Guadiana. em Mourão. Brotéria*. Lisboa. 75: 6, pp. 535-539.
- PEREIRA, Telmo (2010) – *A exploração do quartzo durante o Paleolítico Superior na facha atlântica peninsular*. Faro: Faculdade de ciências humanas e sociais / Universidade do Algarve, [Tese de Doutoramento. Exemplar policopiado].
- RAPOSO, Luís (1986) – Mustierense, Mustiero-Languedocense ou Languedocense. *Arqueologia*. Porto. 14, pp. 13-21.
- RAPOSO, Luís (1994) – O sítio de Palheirões do Alegria e a “questão do Mirense”. In J. M. CAMPOS; J. A. PÉREZ; F. GÓMEZ (eds.) – *Arqueología en el Entorno del Bajo Guadiana*. Huelva. pp. 55-69.
- RAPOSO, Luís (1997) – O Mirense e os machados mirense. Algumas reflexões em voz alta. *Setúbal Arqueológica*. 11-12, pp. 109-120.
- RAPOSO, Luís & SILVA, António Carlos (1980/81) – A estação “languedocense” do Xeréz de Baixo, Guadiana. *Setúbal Arqueológica* 6-7, pp. 47-84.
- RAPOSO, Luís & SILVA, António Carlos (1984) – O Languedocense: ensaio de caracterização morfológica e tipológica. *O Arqueólogo Português*. IV-2, pp. 87-166.
- RIBEIRO, João Pedro & CURA, Sara (2004) – A jazida paleolítica de Sapateiros 2. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7 (2), pp. 5-26.
- SANTOS, André Tomás (2019) – *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto*. Associação dos Arqueólogos Portugueses: Lisboa.
- SILVA, António Carlos (1994) – Problemática das “indústrias macrolíticas” do Guadiana. In CAMPOS, J. M.; PÉREZ, J. A.; GÓMEZ, F., eds. – *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana*. Huelva: Universidad, pp. 71-90.
- SILVA, António Carlos (1999) – *Salvamento arqueológico no Guadiana*. Memórias d’Odiãna – Estudos Arqueológicos do Alqueva, Empresa de Desenvolvimento e Estruturas do Alqueva, Beja.
- STEA, (1999) – *Bloco B1 do plano de Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico*. [Relatório de escavação inédito – Instituto Português de Arqueologia (IPA)], Lisboa.
- VARANDA, Alexandre & GOMES, Luís (2017) – As indústrias paleolíticas do Baixo Guadiana: perspetivas para uma investigação futura a partir das recolhas de Abel Viana. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. (Coords) – Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da Questão, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 341-355.
- VIANA, Abel (1945) – Paleolítico do Baixo Alentejo. Vale do Guadiana, *Brotéria*, Vol. XL, Fasc.2, Lisboa.
- VIANA, Abel (1947) – Paleolítico do Guadiana. *Arquivo de Beja*, 2, pp. 355-391; 3, pp. 364-411; 4, pp. 115-147.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2020

www.arqueologos.pt